

# BIOPODER, BIOPOLÍTICA E MULTIDÃO: UMA ANÁLISE DO DESDOBRAMENTO CONCEITUAL DE FOUCAULT EM ANTONIO NEGRI

Bruno Andreotti\*

Recebido em: 20 ago. 2011

Aprovado em: 01 set. 2011

\* Mestre em Ciências Sociais/Ciências Políticas pela PUC-SP, São Paulo, Brasil. E-mail: brandreotti@gmail.com

Resumo: Dos conceitos formulados por Foucault o de biopolítica certamente é um dos mais comentados e retomados por outros autores. Esse artigo procura examinar como o conceito de biopolítica é apropriado e utilizado no plano conceitual de Antonio Negri, renomado cientista político italiano de tradição marxista. Ao formular e entender o conceito de *multidão* como um novo conceito de classe, ao efetuar uma separação teórica entre biopoder e biopolítica, ao retomar o paradigma do trabalho como local privilegiado de resistência, Negri acaba por reconduzir a multiplicidade das resistências a uma unidade totalizadora, deixando de investir na dimensão agônica das lutas políticas.

Palavras-chave: Biopoder. Biopolítica. Multidão. Foucault.

## BIOWEIGHT, BIOWEIGHTS AND MULTITUDE: AN ANALYSIS OF THE FOUCAULT'S CONCEPTUAL SPLIT IN ANTONIO NEGRI

Abstract: Among the concepts formulated by Foucault, biopolitics is certainly one of the most used by other authors. This article examines how the concept of biopolitics is appropriate and used by Antonio Negri, a renowned Italian political scientist of the Marxist tradition. In formulating and understanding the concept of multitude as a new concept of class, when making a theoretical separation between biopolitics and biopower, in making the paradigm of labor as a privileged place of resistance, Negri eventually brings the multiplicity of resistance to a totalizing unit, failing to invest in the agonistic dimension of the political struggle.

Key words: Biopower. Biopolitics. Multitude. Foucault.

O conceito de *biopolítica* na obra de Foucault serve para designar uma morfologia do poder que está temporalmente localizada entre o fim do século XVIII e início do XIX. O conceito passa a se ocupar não somente dos indivíduos por meio de certos procedimentos disciplinares, mas também o conjunto dos viventes constituídos em uma determinada população. O que Foucault chamou de biopolítica era a gestão da saúde, da higiene, alimentação, sexualidade, natalidade, etc. na medida em se tornaram preocupações políticas, historicamente situadas no quadro de racionalidade política liberal (REVEL, 2005). É no percurso de seus estudos sobre governamentalização que o conceito aparece em sua obra.

Para Foucault a governamentalização do Estado diz sobre uma mudança na economia do poder: não mais o Estado de justiça medieval, nascido numa territorialidade feudal, marcado por um jogo de compromissos e litígios; não mais o Estado administrativo, nascido numa territorialidade de fronteira, com seus regulamentos e disciplinas, mas um Estado de governo, que não é definido essencialmente por sua territorialidade, mas por uma *massa*: a massa da população. A governamentalização desse “novo” Estado tem a população como objeto, utiliza a instrumentação do saber econômico numa sociedade controlada pelos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008a, p.144).

Uma análise em termos de governamentalidade implica entender o poder como um conjunto de relações estratégicas. Avançando na problemática do governo Foucault estuda a arte de governar, a maneira pensada de governar o melhor possível e a reflexão sobre a melhor maneira possível de governar, ou o estudo da racionalização da prática governamental, do governo entendido como “atividade que consiste em reger a conduta dos homens num quadro e com instrumentos estatais” no exercício da soberania política (FOUCAULT, 2008b, p.4).

O objetivo dessa pequena digressão é ressaltar que os conceitos formulados por Foucault derivam de uma pesquisa minuciosa e de análises específicas que respondem a problemas específicos por ele enfrentados, em especial o que nos ocupa aqui: o de biopolítica. Acredita-se que grande parte do uso que se faz desse conceito pode ser dividido em duas categorias:

1) Parte-se da problemática da governamentalidade e do conceito de biopolítica tentando desdobrá-lo para realidades não pensadas pelo filósofo, porém meramente

no plano teórico ou do ensaio, onde as pesquisas que sustentariam tal desdobramento são escassas ou inexistentes<sup>1</sup>.

2) Utiliza-se apenas o conceito, desvinculando-o da análise que lhe sustenta, ou generalizando-a, esvaziando-o, encaixando-o em alguma teoria ou explicação geral. Esse é o uso que aqui será abordado mais detalhadamente na obra de Antonio Negri<sup>2</sup>.

Nietzsche dizia que recompensa-se mal a um mestre permanecendo fiel a ele. De acordo. Nenhum desses usos é algo condenável em si mesmo, porém devemos sempre nos perguntar *como, por quem, em que caso, para que* esse conceito é utilizado.

Se Deleuze tinha razão em dizer que pouco importa o que alguma coisa é e sim o modo como ela funciona, então a pergunta é: que usos estão sendo atribuídos ao conceito de biopolítica formulado por Foucault? Com quais objetivos? Com quais intenções? Esse breve artigo pretende analisar o caso específico da apropriação que Antonio Negri faz do conceito, de que modo e para que ele funciona em seu plano conceitual.

\* \* \*

Há influências modernas e pós-modernas no léxico político proposto por Negri, que entende modernidade como a separação entre interior e exterior, e a pós-modernidade quando essa distinção se torna inexistente (NEGRI, 2001). Essa definição genérica possui alguns desdobramentos: filosoficamente, significa uma crítica, pois Negri argumenta que nos projetos de emancipação modernos, o interior vive de forma ambígua no exterior projetado como utopia. Isso estaria presente, sobretudo, em Marx. A pós-modernidade abriria caminho para reflexões como as de Foucault e Deleuze, que abandonam o homem como uma entidade pronta e acabada e abordam sua constituição histórica e desejante de maneira imanente. Politicamente, significa a passagem do Imperialismo para o Império, pois o

---

<sup>1</sup> É dessa forma que Maurizio Lazzarato, filósofo e cientista político italiano, utiliza-se do conceito, quando propõe a noção de *noopolítica* para apreender o governo e a modulação da memória, operando no nível da ação entre cérebros (LAZZARATO, 2006a). Lazzarato desenvolveu juntamente com Antonio Negri as primeiras teorizações sobre o trabalho imaterial e pós-fordismo e, como ele, hibridou seu marxismo com as análises de Deleuze, Guattari e Foucault, ainda que em seus últimos escritos tenha elaborado uma consistente crítica ao marxismo que será retomada ao final desse artigo.

<sup>2</sup> Filósofo e cientista político italiano. Embora atuante como intelectual e militante desde a década de 60 é mais conhecido como co-autor, junto com Michael Hardt, de Império, obra que ganhou notoriedade por propor a superação do conceito de imperialismo pelo de Império e do conceito de classe pelo de multidão, atualizando o projeto marxista para o mundo globalizado.

Imperialismo se baseia no domínio de um Estado-nação sobre outro, um dominante e outro dominado, uma fronteira, portanto. No Império essa fronteira perde importância, entrando em jogo maneiras de inclusão (NEGRI, 2006) desde a passagem e convivência da sociedade disciplinar com a sociedade de controle<sup>3</sup>.

Em um debate com Danilo Zolo (NEGRI, 2003a) isso fica explícito, quando Zolo comenta que o livro *Império* pode ser visto como uma transfiguração de algumas categorias marxistas e, que nessa transfiguração, o que ocupa o primeiro plano é o pós-estruturalismo de Deleuze, Derrida e, sobretudo, Foucault. Negri concorda com o comentário, dizendo que hibridou seu marxismo operário com as perspectivas do pós-estruturalismo francês. Para além de uma discussão simplista sobre se os pensadores citados podem ser ou não classificados como “pós-estruturalistas”, o objetivo principal nesse pequeno artigo é mostrar como o conceito de biopolítica funciona no plano conceitual de Negri nesse híbrido proposto pelo autor.

Alinhado na matriz marxista, Negri (p. 95) caracteriza o trabalho como fundamento ontológico do homem, local privilegiado da política e da resistência, portanto. Diz ele:

[...] a grande crise depende do fato de que assistimos ao chamado ‘fim da dialética do instrumento’, em que por ‘instrumentalização’ se entendia o fato de que o capital oferecia ao trabalhador o instrumento de trabalho. Quando o cérebro humano se reapropria do instrumento de trabalho, então o capital não tem mais a possibilidade de articular o comando sobre o instrumento: e portanto a dialética instrumental se exaure.

Segundo Negri a teoria do valor na economia política clássica, e também na crítica da economia política (Marx) não se adequa ao pós-moderno, pois está baseada em uma dialética entre valor de uso e valor de troca. Essa relação só tem sentido no moderno, quando o tempo da vida e o tempo do trabalho eram diferentes. No pós-moderno, no entanto, o tempo da vida e o tempo de trabalho passam a coincidir.

A casualidade contínua e transformadora dos movimentos sociais, afirma Negri (p. 2),

---

<sup>3</sup> Foucault (1981) localiza as sociedades disciplinares entre os séculos XVIII e XIX, cuja técnica principal é o confinamento (na escola, na fábrica, na caserna, nos hospitais e na prisão); o poder disciplinar concentra, distribui no espaço, ordena o tempo, compõe uma força produtiva cujo efeito deve ser superior ao da soma das forças elementares. O indivíduo está sempre passando de um espaço a outro, diferentes mas análogos. Deleuze (2000) nos diz que a sociedade de controle encontra-se na crise generalizada dos meios de confinamento disciplinares, os diferentes modos de controle são variações inseparáveis. O homem do controle é ondulatório, funcionando num feixe contínuo, em constante modulação.

[...] entra no conceito de capital e entra de forma cada vez mais estreita. Esses movimentos não têm mais talvez, mas se colocam dentro do espaço do capital. A vivência é atravessada por acumulações e práxis diversas, e resulta das dinâmicas e, finalmente, se descobre na dimensão biopolítica, isto é, em um dispositivo que não está mais ligado somente à produção, mas, evidentemente, a toda a vida. A esta conclusão chegamos metodicamente, portanto não do lado externo, dizendo, por exemplo, que o capital ocupou toda a vida, mas do lado interno, é o trabalho que ocupou toda a vida.

Como o conceito de trabalho imaterial responde ao problema da dinâmica real de produção na sociedade biopolítica<sup>4</sup>? Responder essa questão é importante para entender não só o conceito de trabalho imaterial em si, mas também como este se articula a um dos conceitos centrais na obra de Negri, o conceito de *multidão*, formulado para apreender as novas formas de resistência que tentam escapar da hierarquia do Partido investindo na horizontalidade da rede, juntamente com o advento do Império, “uma fonte de definições jurídicas que tende a projetar uma configuração única supranacional de poder político” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 27). Multidão é o conceito de uma nova classe global resistente ao Império, capaz de realizar a “democracia radical em escala global” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 17).

Negri mostra que, com a passagem do modelo fordista de produção ao modelo toyotiano, em que há uma rápida comunicação entre a produção e o consumo, a informação e comunicação desempenham um novo e central papel na produção, seriam os setores de serviço da economia. Como a produção de serviços não resulta em bem material e durável, os autores definiram o trabalho que envolve essa produção de trabalho imaterial, “um trabalho que produz um bem imaterial, um serviço, um produto cultural, conhecimento ou comunicação” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 311).

Mas há uma segunda face do trabalho imaterial, que seria o trabalho afetivo, o contato e interação humana. O trabalho é imaterial, físico e afetivo, pois seus produtos são intangíveis; é uma sensação, um sentimento, uma excitação; o trabalho imaterial cria e manipula afetos, e o lado afetivo do trabalho imaterial é a produção biopolítica da multidão. O que o trabalho imaterial produz é a subjetividade:

---

<sup>4</sup> De acordo com Negri, sociedade biopolítica é aquela que se forma quando a submissão da sociedade ao capital deixa de ser apenas formal para ser real, ou seja, quando o capital domina a vida e a vida passa a ser local de resistência (HARDT; NEGRI, 2001; NEGRI, 2006).

A grande passagem que estamos efetuando ao entrar no pós-moderno e que consiste em considerar o biopolítico produtivo como algo em que a simbiose e a confusão entre os elementos vitais e econômicos, entre os elementos institucionais e administrativos, a construção do público, só pode ser concebida como produção de subjetividade (NEGRI, 2001a, p. 34).

No âmbito pós-moderno, isto é, quando o biopolítico se torna produtivo, a produção social é produção de subjetividade. É nesse ponto que o trabalho imaterial determina a dinâmica produtiva na sociedade biopolítica: se a produção social é produção de subjetividade, o conceito de trabalho imaterial apreende essa forma de produção.

O trabalho imaterial é um ponto fundamental na ontologia social do Império, que mescla o trabalho imaterial, biopoder e biopolítica. Buscando determinar historicamente essa mudança do trabalho (de material para imaterial) é que Negri periodiza a História em quatro aspectos: 1) do ponto de vista dos processos laborais e de sua modificação; 2) das normas de consumo e de reprodução social; 3) a partir de modelos de regulação econômica e política; e 4) do ponto de vista da transformação da composição política de classe (NEGRI, 2003a). Desnecessário repetir aqui todas as características de cada período, indo do Estado-nação ao Império, e da formação da classe operária até a multidão, como Negri faz em seu livro *Cinco lições sobre Império*. Mas é importante registrar esses quatro aspectos para mostrar que quando Negri parte para a história é levando em conta os processos políticos e econômicos, processos estes que se imbricam em maior grau quando se avança do moderno ao pós-moderno, até estarem finalmente unidos em um mesmo plano no Império, que é a dimensão biopolítica, revelando a genealogia da multidão<sup>5</sup>.

O trabalho imaterial, como determinação produtiva da sociedade biopolítica, não poderia deixar de se associar ao conceito de multidão, como já foi implicitamente indicado. Ou nas palavras de Negri (2001a, p. 31),

---

<sup>5</sup> O termo é utilizado por Negri em *Império* (HARDT; NEGRI, 2001), onde afirma que fará a genealogia do Império e do conceito de soberania, porém, ao longo da obra, nenhuma explicação mais aprofundada sobre como se entende esse conceito é dada. Somente em *Multidão* (HARDT; NEGRI, 2005) é que Negri e Hardt explicitam a necessidade da genealogia como anticiência necessária para a criação de novos modelos institucionais e sociais com base nas capacidades produtivas do próprio sujeito. No cerne dessa anticiência encontra-se a democracia. Essa concepção de genealogia pouco ou nada tem a ver com aquela dada em 1971 por Foucault como sendo “oposta ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias” (FOUCAULT, 1981, p. 16), ou ainda a de 1984, em que Foucault não separa a genealogia da “problematização das relações de domínio sobre as coisas, das relações de ação sobre os outros e das relações consigo mesmo” (FOUCAULT, 2000, p. 350).

[...] Hoje, na transformação do moderno em pós-moderno, o problema volta a ser o da multidão. Na medida em que classes sociais como tais se desagregam, o fenômeno de autoconcentração organizadora das classes sociais desaparece. [...] Trata-se de uma multidão que é o resultado de uma massificação intelectual; não pode mais ser chamada de plebe ou povo, porque é uma multidão rica [...]. Na verdade, é preciso dizer que existe uma multidão de instrumentos produtivos que foram interiorizados, encarnados nos sujeitos que constituem a sociedade. [...] E hoje multidão é isso – uma multidão que subtrai ao poder toda transcendência possível e que não pode ser dominada senão de forma parasitária, portanto, feroz.

Essa pequena passagem sobre a multidão abre para duas dimensões que precisam ser notadas mais detalhadamente: a) o fenômeno de autoconcentração das classes que desaparece deve ser compreendido pela proposta existente em *Império* de se alargar o conceito de proletariado, e que envolve também os limites históricos do pensamento de Marx; b) a contextualização do que levou à existência atual de uma multidão de instrumentos produtivos que foram interiorizados nos sujeitos. Tratemos mais particularmente dessas dimensões.

Negri propõe o alargamento do conceito de proletariado nos seguintes termos:

A composição do proletariado transformou-se, e por isso nosso entendimento dele também deve transformar-se. Em termos conceituais, entendemos o proletariado como uma vasta categoria que inclui todo trabalhador cujo trabalho é direta ou indiretamente explorado por normas capitalistas de produção e reprodução, e a elas subjugado. [...] Nossa idéia é que todas essas formas de trabalho são, de certo modo, sujeitas à disciplina capitalista e às relações capitalistas de produção. O fato de estar dentro do capital e sustentar o capital é o que define o proletariado como classe (HARDT; NEGRI, 2001, p. 71-72).

Segundo Negri, Marx elaborou uma teoria do poder constituinte que identifica no proletariado seu sujeito histórico, e que tal teoria teria atingido seu limite histórico. Negri recusa em ver o proletariado tal como o concebeu Marx e a tradição marxista, isto é, como classe operária industrial, mas segue com a ideia, que estaria presente em Marx, ao propor o poder constituinte como “dispositivo genealógico geral das determinações sociopolíticas da História” (NEGRI, 2002, p. 54).

Negri tenta encontrar no mundo contemporâneo o sujeito adequado ao poder constituinte e é por isso que propõe o alargamento do conceito de proletariado para o conceito de multidão, e que o autoriza a afirmar, também, que multidão é um conceito de classe:

Considerada de um ponto de vista temporal, a multidão é explorada na produção; vista de um ponto de vista espacial, ela ainda é explorada enquanto constitui sociedade produtiva, cooperação social para a produção. O conceito de ‘classe de multidão’ deve ser considerado diferentemente do conceito de classe operária. Com efeito, o conceito de classe operária é um conceito limitado, tanto do ponto de vista da produção (inclui essencialmente os trabalhadores da grande indústria) quanto do ponto de vista da cooperação social (envolve apenas uma pequena quantidade dos trabalhadores que operam no conjunto da produção social). Se colocarmos a multidão como um conceito de classe, a noção de exploração será definida como exploração da cooperação: cooperação não dos indivíduos, mas das singularidades, exploração do conjunto das singularidades, das redes que compõem o conjunto e do conjunto que envolve as redes etc. (COCCO; NEGRI, 2005, p. 21).

Se essa é a razão teórica de tal alargamento encontramos, segundo Negri, na história a razão prática para tanto, o que desemboca na segunda dimensão levantada; como os instrumentos produtivos foram interiorizados pelos sujeitos, e que por sua vez também desembocará na passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle. Segundo Negri, quando a classe operária lutou para recusar a disciplina de fábrica, o trabalho se tornou imaterial, isto é, quando a disciplina da fábrica cedeu lugar ao controlato da empresa, assistimos a uma mudança de paradigma do ponto de vista do poder e da produção (NEGRI, 2001a; HARDT; NEGRI, 2001).

Na passagem seguinte nota-se de forma clara e precisa como os conceitos de trabalho imaterial, produção biopolítica e multidão ligam-se a esse alargamento do conceito de proletariado (uma vez que essa multidão também é portadora de capacidade produtiva imaterial, isto é, seus instrumentos de trabalho se encontram interiorizados):

No contexto biopolítico do Império, porém, a produção de capital converge progressivamente com produção e reprodução da própria vida social; dessa maneira, torna-se cada vez mais difícil manter distinções entre trabalho produtivo, reprodutivo e improdutivo. O trabalho – material ou imaterial, intelectual ou físico – produz e reproduz a vida social, e durante o processo é explorado pelo capital. Esta ampla paisagem de produção biopolítica nos permite, finalmente, reconhecer a plena generalidade do conceito de proletariado. [...] Não há relógios de ponto a serem acionados no terreno da produção biopolítica; o proletariado produz em toda sua generalidade, em toda parte, o dia todo (p. 426-427).

Se o trabalho ocupou toda a vida, no capitalismo todo trabalho é explorado, mas

é uma exploração diferente da exploração moderna, por não ser mais dialética. A teoria do valor pós-moderna, portanto, deve acompanhar essa mudança. Isso implica desconstruir a teoria marxista do valor, baseada em valor de uso e valor de troca, mostrando que a atividade criativa do trabalho e sua tensão cooperativa constituem, no pós-moderno, por meio e além da revolução pós-fordista, a potência do trabalho vivo, assumindo que o valor é construído na produção social, e que a produção social é a produção do *comum* (HARDT; NEGRI, 2005).

Negri esclarece, quando o capital constante ocupou toda a sociedade, o intelecto (logo o cérebro, o corpo singular) tornou-se a única força de produção sendo ele o único produtor de valor. Se o intelecto se apresenta como cérebro,

[...] como corpo linguístico, então a produção do ‘intelecto geral é produção dos cérebros, ou seja, dos corpos linguísticos. E o cérebro, ou o corpo linguístico, está para a ferramenta produtiva assim como o contexto biopolítico está para o ‘intelecto geral’, considerado máquina comum, cérebro comum. Ontologicamente, a máquina comum do intelecto geral é o contexto biopolítico da vida. [...] não só o corpo linguístico se torna ferramenta (e cria, assim, a máquina produtiva), mas também a máquina comum (dispondo-se no contexto biopolítico) produz subjetividade, isto é, corpo linguístico. [...] E, efetivamente, a máquina biopolítica produz subjetividade (NEGRI, 2003a, p. 204-205).

Essa produção do comum é a produção biopolítica da multidão. Só o comum pode produzir, a cooperação é a chave da economia imaterial, indo do micro ao macro. Singularidades que se relacionam e produzem um corpo comum, corpos comuns que se relacionam e produzem ‘intelecto geral’, que produzem o bios, e esse é o caminho percorrido pelo comum, do molecular ao molar<sup>6</sup>, esse é o poder da multidão de produzir a vida. No entanto o poder imperial é capaz de gerir essa produção, de explorá-la:

A força produtiva, de fato, nasce dos sujeitos e se organiza na cooperação. Na época do Intelecto Geral a cooperação produtiva não é, pois, imposta pelo capital, mas é, pelo contrário, uma habilidade da força-trabalho imaterial, do trabalho mental que só pode ser cooperativo, bem

<sup>6</sup> De acordo com Deleuze e Guattari (1996) O micro é um fluxo, um quanta, rápido, imperceptível, que agita sem cessar. O macro é uma linha de segmentos, é lento, duro, binário. Mas não obstante esses dois planos estão em constante comunicação: o macro não existiria se não houvesse quanta para organizar, o micro não existiria se não houvesse a linha dura para agitar. Negri utiliza-se dessas noções e em sua obra a macropolítica se ocupará dos chamados amplos agregados ou grupos estáticos, dos conjuntos coesos e unitários, tais como o Estado e a Soberania. Já a micropolítica se ocupará das micromultiplicidades, das singularidades.

como do trabalho lingüístico que só pode expressar-se de forma cooperativa. [...] o capital parasitário é aquele que extrai valor sobretudo da interrupção dos movimentos de conhecimento, de cooperação, de linguagem. Para viver e reproduzir-se o capitalismo é obrigado a chantagear a sociedade e bloquear os processos sociais de produção toda vez que apresentem excedente no que concerne ao seu comando (NEGRI, 2003a, p. 96-97).

Estamos no terreno biopolítico. O trabalho ocupou a vida, portanto a exploração se dá todo o tempo, em todos os lugares, mas, se isso é verdade, a resistência também está em todos os lugares, todo o tempo. A luta de classes ocupou toda a vida e a “biopolítica é uma extensão da luta de classes” (108). Multidão é um conceito de classe, e uma forma de entender a multidão é tornando-a composta por todos aqueles que trabalham sob o domínio do capital, e, potencialmente, como a classe que recusa seu domínio (HARDT; NEGRI, 2005).

Negri adverte que é preciso ter cuidado para não ler o conceito de multidão separado das categorias produtivas que se organizam sobre o trabalho imaterial (NEGRI, 2003a). Ora, a importância que tem o trabalho, atualizado para trabalho imaterial em Império, é efeito nítido de Marx, principalmente porque um dos principais elementos do trabalho imaterial é o Intelecto Geral:

A certa altura do desenvolvimento capitalista, que Marx vislumbrou apenas como o futuro, os poderes do trabalho são insuflados pelos poderes da ciência, comunicação e linguagem. O intelecto geral é uma inteligência coletiva, social, criada por conhecimentos, técnicas, e know-how acumulados. O valor do trabalho é, dessa maneira, realizado por uma nova força de trabalho universal e concreta, por meio da apropriação e livre utilização das recentes forças produtivas. O que Marx viu como futuro é a nossa era. Esta transformação radical do poder do trabalho e a incorporação da ciência, da comunicação e da linguagem na força produtiva redefiniram toda a fenomenologia do trabalho e todo o horizonte mundial da produção (HARDT; NEGRI, 2001, p. 386).

É somente com Marx que os autores de Império podem pensar o trabalho imaterial, pois o Intelecto Geral, essa inteligência coletiva de que falam, encontra-se em seu centro. Porém as contribuições de Deleuze e Foucault também atuam no conceito:

O conceito marxiano de força de trabalho, que, ao nível do Intelecto Geral, torna-se ‘indeterminação capaz de cada determinação’, é assim desenvolvido por Deleuze e Foucault num processo de produção

autônoma de subjetividade. [...] O processo de produção de subjetividade, isto é, o processo de produção tout court, se constitui fora da relação de capital, no cerne dos processos constitutivos da intelectualidade de massa, isto é, na subjetivação do trabalho (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 35).

O trabalho imaterial produz subjetividade. É possível desenvolver um conceito que dê conta dessa produção de subjetividade que faz parte do processo de subjetivação do sujeito de maneira afirmativa, uma vez que esse processo se dá fora da relação de domínio do capital. Porém nesse processo de subjetivação, que passa necessariamente pelo trabalho na sua dimensão libertadora, sob influência de Marx, o sujeito não é totalmente livre, mas é determinado por práticas de poder, que podem ser disciplinares (FOUCAULT) ou de controle (DELEUZE). É por isso que ao pensar em Império, Negri pensa também em práticas de poderes que constituem uma dimensão importante no processo de subjetivação do sujeito, embora não estejam mais no momento de afirmação de sua potência, e sim após essa subjetividade ter sido capturada.

Há dois momentos decisivos para a multidão: um momento de produção biopolítica, que vai das singularidades à constituição do comum, produção de um circuito de constituição de subjetividade, através do trabalho imaterial, codificação das singularidades; um segundo momento, de sobre-codificação desse comum pelo Império.

Negri pretende atualizar a ontologia marxista, que pertence ao moderno, para o âmbito pós-moderno. A principal característica da pós-modernidade, ou do paradigma imperial, para Negri, está no fato de que não existe mais um “lado de fora”:

Os domínios concebidos como dentro e fora e a relação entre eles são configurados diferentemente, numa variedade de discursos modernos. A configuração espacial de interior e exterior, entretanto, parece-nos ela própria uma característica geral, de fundação, do pensamento moderno. Na passagem do moderno para o pós-moderno, e do imperialismo para o Império, é cada vez menor a distinção entre o dentro e o fora. [...] Num mundo pós-moderno todos os fenômenos e forças são artificiais, ou, como diriam alguns, parte da História. A moderna dialética do dentro e do fora foi substituída por um jogo de graus e intensidades, de hibridismo e artificialidade (HARDT; NEGRI, 2001, p. 206).

O fim do fora na pós-modernidade é o que faz Negri buscar em Deleuze uma inspiração para pensar a política. Se o moderno foi marcado pela dialética hegeliana, o pós-moderno será marcado por diferenças não mais de natureza (o

que permitira a dialética: dois polos contrários efetuando uma síntese), mas de graus, intensidades, e essa é uma característica do pensamento deleuziano (HARDT, 1996). O fato da não distinção entre o dentro e o fora na pós-modernidade leva Negri a atualizar o conceito de política para o de biopolítica:

Biopoder é a forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando. O poder só pode adquirir comando efetivo sobre a vida da população quando se torna função integral, vital, que todos os indivíduos abraçam e reativam por sua própria vontade. Como disse Foucault, 'a vida tornou-se objeto de poder'. A função mais elevada desse poder é envolver a vida totalmente, e sua tarefa primordial é administrá-la. O biopoder, portanto, se refere a uma situação na qual o que está diretamente em jogo é a produção e a reprodução da própria vida" (HARDT; NEGRI, 2001, p. 43).

O problema da biopolítica<sup>7</sup> também aparece como uma dimensão importante da passagem do moderno ao pós-moderno, ou da sociedade disciplinar à sociedade de controle:

Quando falamos de biopolítica falamos antes de tudo de reprodução das sociedades modernas, ou seja, da atenção que o Estado moderno dá à reprodução dos conjuntos demográficos ativos. A biopolítica é, portanto, essa perspectiva dentro da qual os aspectos político-administrativos se juntam às dimensões demográficas, para que o governo das cidades e das nações possa ser apreendido de maneira unitária, reunindo ao mesmo tempo os desenvolvimentos 'naturais' da vida e de sua reprodução, e as estruturas administrativas que a disciplinam (a educação, a assistência, a saúde, os transportes, etc.) Na época moderna, na primeira fase do desenvolvimento capitalista e no momento em que se definia o Estado-Nação, a biopolítica se torna forma de governo total (NEGRI, 2001a, p. 33).

Até aqui Negri segue Foucault e já associa essa fase da biopolítica ao Estado-nação. Logo em seguida, Negri assinala a mudança do biopolítico no contexto pós-moderno:

---

<sup>7</sup> Como vimos inicialmente, nas pesquisas realizadas por Foucault o conceito de biopolítica apreende o momento em que o poder investe sobre o corpo, não mais o corpo máquina, mas o corpo espécie. Biopolítica é o poder resultante não só das disciplinas sobre o corpo de um indivíduo, mas também sobre uma população (cuidado com a saúde, higiene etc.), implicando também resistências (FOUCAULT, 1997). Essa passagem do moderno ao pós-moderno ou da sociedade disciplinar à sociedade de controle utilizando o conceito é feita exclusivamente por Negri.

[...] é preciso [...] perguntar-se o que significa biopolítica quando se entra no pós-moderno, ou seja, nessa fase do desenvolvimento capitalista em que triunfa a subordinação real da sociedade como um todo ao capital. Nesse momento, quando a articulação da sociedade e a da organização produtiva do capital tendem a se identificar, o biopolítico muda de cara: torna-se biopolítico produtivo. Isso significa que a relação entre os conjuntos demográficos ativos (a educação, a assistência, a saúde, os trabalhadores, etc) e as estruturas administrativas que os percorrem é a expressão direta de uma potência produtiva. A produção biopolítica nasce da conexão dos elementos vitais da sociedade, do meio ambiente ou do Umwelt nos quais estão inseridos, e considera não que o Estado é o sujeito dessa conexão, mas, ao contrário, que o conjunto das forças produtivas dos indivíduos e dos grupos se torna produtivo à medida que os sujeitos sociais se vão reapropriando do conjunto. Nesse âmbito, a produção social é completamente articulada através da produção de subjetividade (NEGRI, 2001a, p. 33-34).

Apesar de se apropriar do conceito de biopoder é justamente nesse ponto que Negri faz sua crítica mais severa ao pensamento de Foucault:

Não parece, entretanto, que Foucault jamais tenha tido êxito em afastar seu pensamento da epistemologia estruturalista que orientou sua pesquisa desde o início. Por epistemologia estruturalista queremos dizer a reinvenção de uma análise funcionalista do domínio das ciências humanas, um método que efetivamente sacrifica a dinâmica do sistema, a temporalidade criativa de seus movimentos, e a substância ontológica de reprodução cultural e social. De fato, se nessa altura tivéssemos de perguntar a Foucault quem ou o que impele o sistema, ou melhor, o que é “bios”, sua resposta seria inefável, ou não haveria resposta. O que Foucault não entende, finalmente, é a dinâmica real de produção na sociedade biopolítica. [...] (HARDT; NEGRI, 2001, p. 47).

Para sanar o problema da dinâmica real de produção na sociedade biopolítica, Negri formula o conceito de trabalho imaterial, bem como irá elaborar uma separação entre biopoder e biopolítica, respectivamente, o poder sobre a vida e o poder da vida. Se por vezes essas duas dimensões não se encontram claras nas citações é porque Negri só vai separá-las explicitamente em *Multidão: Guerra e Democracia na Era Do Império*, de 2004.

Quando não há mais um lado de fora, o poder se torna um regime geral de dominação da vida, e quando o poder envolve a vida, a vida também envolve o poder, ou seja, a vida se torna, além de alvo do poder, campo de resistência ao poder. Negri separa esses dois momentos em *biopoder e biopolítica*, o primeiro

sendo a dominação da vida, o segundo resistência da vida ao poder. O biopoder está acima da sociedade, é transcendente, como uma autoridade soberana e *impõe sua ordem*, diferente da multidão, cuja organização é endógena. Já a produção biopolítica é imanente à sociedade, criando relações sociais através de formas colaborativas de trabalho (HARDT; NEGRI, 2005). É por isso que a mudança da modernidade para a pós-modernidade acarreta outras necessidades teóricas, isto é, a necessidade da atualização de conceitos. Em suma, agora, macropolítica e micropolítica são pensadas conjuntamente, no bios, e não como duas dimensões separadas mas que se comunicam, como faziam Deleuze e Guattari (1996, p. 99):

Ora, simultaneamente: os dois sistemas de referência estão em razão inversa, no sentido em que um escapa do outro e o outro detém o um, impedindo-o de fugir mais; mas eles são estritamente complementares e coexistentes, porque um não existe senão em função do outro; e, no entanto, são diferentes, em razão direta, mas sem se corresponder termo a termo, porque o segundo não detém efetivamente o primeiro senão num 'plano' que não é mais o plano do primeiro, e porque o primeiro continua seu impulso em seu próprio plano.

Acontece que a biopolítica fundiu os planos molar e molecular e faz a micropolítica e a macropolítica atuar em mesmo plano, o que não significa que a dimensões molar e molecular sejam indistintas, mas que agora incidem sobre o mesmo objeto e no mesmo plano: a vida, o bios. Encontra-se, está em jogo aqui o problema da decisão política, de como o devir minoritário pode se tornar potente, de como a massa de singularidades pode se tornar poder constituinte, uma organização/codificação das singularidades para uma resistência molar.

\* \* \*

A constituição da multidão passa por um caminho longo, que vai da singularidade à subjetividade, até expressar-se como poder constituinte. O processo dessa constituição é o que Negri chama de telos do comum. As proposições de Negri para apreender a História e o acontecimento são feitas para discernir esse processo em sua dupla face: a organização/codificação das singularidades em multidão e a sobrecoficação de sua potência pelo Império. Acontece que, no biopolítico, essa constituição não é só política, ela é constituição da própria vida, o que equivale dizer: a multidão é produtiva. Produtiva porque o trabalho ocupou toda a vida, a luta de classes se dá em todas as dimensões. Se o plano biopolítico produz subjetividade, e a multidão é quem trabalha, portanto quem produz o comum, e o conceito que apreende tal produção é o de trabalho imaterial.

Já se delineou suficientemente uma imagem produtiva e potente da biopolítica, que é capaz de conduzir e expressar a potência do poder constituinte. É justamente nesse ponto que o conceito de multidão se une ao de poder constituinte, biopoder/ biopolítica e trabalho imaterial, pois:

Na matriz produtiva atual, o poder constituinte do trabalho pode ser expresso como autovalorização do humano (o direito igual de cidadania para todos na esfera inteira do mercado mundial); como cooperação (o direito de comunicar-se, construir línguas e controlar redes de comunicação); e como poder político, ou melhor dizendo, como constituição de uma sociedade na qual a base do poder é definida pela expressão das necessidades de todos. Esta é a organização do operário social e do trabalho imaterial, uma organização de poder produtivo e político como unidade biopolítica administrada pela multidão, organizada pela multidão, dirigida pela multidão – democracia absoluta em ação. [...] A organização da multidão como sujeito político, como posse, começa portanto a aparecer na cena mundial. A multidão é auto-organização biopolítica. [...] Certamente, deve haver um momento em que a reapropriação e a auto-organização atingem um limiar e configuram um evento real. É então que o político é realmente afirmado – que a gênese se completa e a autovalorização, a convergência cooperativa de sujeitos, e a administração proletária de produção se tornam um poder constituinte (HARDT; NEGRI, 2001, p. 433-435).

Essa luta que guiará para além do Império, que acabará com o não-lugar da soberania imperial e construirá um novo-lugar é expresso através de três momentos: deserção, êxodo e nomadismo:

O nomadismo é tratado como mobilidade libertária, que ultrapassa as fronteiras enquanto dispositivos de controle. A deserção, como fuga, como movimento de inscrição de outros percursos que não os do comando imperial. O êxodo, como esperança de novas condições de vida. Todos podendo ser unidos no desejo de ultrapassamento do Império. Não negação ou antítese, mas travessia esvaziante dos múltiplos espaços imperiais (NEGRI, 2001a, p. 34).

O problema da decisão política agora deve, partindo de baixo, do molecular, chegar ao molar isto é, deve-se saber transformar o devir em porvir, *organizar* a massa de singularidades em multidão, saber para onde leva a máquina de guerra. Será todo um problema de *organização*, de *molarização*, para que, de baixo, a partir das singularidades, se chegue ao molar, uma vez que planos distintos se fundiram no biopolítico. Na verdade essa problemática é o que Negri chama de ontologia social do Império (NEGRI, 2003a).

Para Negri a decisão é simplesmente o evento subjetivo da multidão, esse momento de êxodo, deserção e nomadismo de que fala Negri, emergência de um contrapoder que une resistência, insurreição e poder constituinte, que está gravado na carne da multidão (HARDT; NEGRI, 2002). Esse evento é a decisão da multidão sobre si mesma, domínio da multidão sobre si mesma (NEGRI, 2003b). Não poderia ser diferente: se a construção da multidão passa por um processo que se dá no biopolítico, indo da singularidade, seu elemento mais básico, até o poder constituinte, seu atributo mais potente, a decisão é simplesmente o ato de exercer o poder constituinte e destruir a relação de soberania com o Império, controlar e comandar a produção feita pelo trabalho imaterial. Em suma, fazer-se auto-governo, a democracia absoluta.

Para Deleuze estariam fora do Estado mecanismos locais de bando, margens, minorias, a própria máquina de guerra. Os bandos implicam uma forma irreduzível de Estado, e essa forma se apresenta necessariamente como a de uma máquina de guerra, polimorfa e difusa. A forma de exterioridade da máquina, diz Deleuze:

[...] faz com que esta só exista nas suas próprias metamorfoses [...] Não é em termos de independência, mas de coexistência e de concorrência, num campo perpétuo de interação, que é preciso pensar a exterioridade e a interioridade, as máquinas de guerra de metamorfose e os aparelhos identitários do Estado, os bandos e os reinos, as megamáquinas e os impérios” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 24).

A multidão é pensada por Negri como máquina de guerra atualizada em seu próprio plano conceitual: como algo exterior ao aparelho de soberania<sup>8</sup>, e também como algo que o alimenta, e que os dois pólos da relação estão em comunicação. É aqui que a apropriação que Negri faz do conceito de biopolítica de Foucault se junta com a máquina de guerra de Deleuze e Guattari, num sentido muito próprio no qual Negri entende os dois conceitos. O conceito de biopolítica em Foucault pode ser visto como manutenção da ordem e da disciplina por meio do crescimento do Estado, mas segundo Revel (2005, p. 27) também como uma ultrapassagem da dicotomia Estado/Sociedade em proveito de uma economia política da vida em geral. É a partir dessa indicação que Negri pensa a biopolítica, como emergência de um contra-poder. Como disse Foucault (2006, p. 106-107):

---

<sup>8</sup> No caso, Deleuze e Guattari referem-se ao Estado, mas tanto eles quanto Negri pensam o Estado de uma forma mais ampla, também como agente que exerce a soberania, e, desse ponto de vista, tanto os Estados-nação como o Império se equivalem, ainda que em momentos históricos distintos.

Os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos intensidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. [...] E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder.

Pelo menos em um determinado momento de sua produção essa também foi uma preocupação de Deleuze e Guattari, talvez mais de Guattari do que de Deleuze propriamente, pois segundo Negri foi ele quem caminhou mais longe para impulsionar a noção de resistência em relação a um conceito de revolução molecular (HARDT; NEGRI, 2002). Em todo caso, em 1973, após terem feito *Cinco proposições sobre a psicanálise*, Deleuze e Guattari dizem quais eram suas preocupações naquele momento:

Não há revolução sem uma máquina de guerra central, centralizadora. Não se luta, não se duela a socos, é preciso uma máquina de guerra que organize e unifique. Mas, até o presente, não existiu no campo revolucionário uma máquina que não reproduzisse, a seu modo... um aparelho de Estado. Eis o problema da revolução: como uma máquina de guerra poderia dar conta de todas as fugas que se fazem no sistema sem [...] reproduzir um aparelho de Estado? [...] Procuramos no presente o novo modo de unificação no qual, por exemplo, o discurso esquizofrênico, o discurso drogado, o discurso perverso, o discurso homossexual, todos os discursos marginais possam subsistir, que todas essas fugas se implantem numa máquina de guerra que não reproduza um aparelho de Estado nem de Partido (DELEUZE, 2006, p. 351-352).

A multidão pensada por Negri é essa codificação estratégica de todos os pontos de resistência para a criação de uma máquina de guerra revolucionária que não reproduza o aparelho de Estado, nem de Partido. Se há uma conexão entre o pensamento de Foucault e Deleuze no que diz respeito aos conceitos de resistências e linha de fuga, Negri soma a esses o conceito de revolução, dando com isso uma dimensão molecular à revolução, anteriormente na tradição marxista só pensada em termos molares, fazendo com que resistências se tornem *resistência*, no singular.

Como afirmam Deleuze e Guattari (1996, p. 102),

[...] A política opera por macrodecisões e escolhas binárias, interesses binarizados; mas o domínio do decidível permanece estreito. E a decisão política mergulha necessariamente num mundo de microdeterminações,

atrações, e desejos, que ela deve pressentir ou avaliar de outro modo. Há uma avaliação dos fluxos e seus quanta, sob as concepções lineares e as decisões segmentarias. [...] Boa ou má, a política e seus julgamentos são sempre molares, mas é o molecular, com suas apreciações que a 'faz'.

Quando o conceito de multidão engloba a dimensão molar o poder de decisão da multidão deve passar necessariamente pelo domínio estreito, entrar necessariamente nesse campo de julgamentos molares dos quais falam Deleuze e Guattari.

\* \* \*

Do ponto de vista ontológico a multidão é um conjunto difuso de singularidades que produzem vida em comum, um certo tipo de carne social que se organiza em um novo corpo social. Isso é biopolítica, a produção da vida em comum, tendo como ponto de partida e ponto de chegada o comum; o comum é produzido sempre a partir de singularidades que cooperam, sem a necessidade de uma organização exógena. Do ponto de vista ontológico, o poder constituinte da multidão é a expressão molar dessa produção biopolítica.

Do ponto de vista sociológico, o poder constituinte da multidão aparece como cooperação e comunicação em redes, trabalho social formado pelo comum; multidão como um conceito de classe. Essas redes de produção social proporcionam uma certa capacidade institucional para uma nova sociedade. É o trabalho social da multidão que nos move diretamente para o poder constituinte. Negri, como um bom marxista, não pode deixar de pensar o fundamento ontológico do homem fora do trabalho.

Do ponto de vista político é o momento no qual a multidão expressa seu poder comum e sua capacidade de tomada de decisão, expressão do poder constituinte que emerge do processo ontológico e sociológico do trabalho. É a potência democrática da multidão em ato, produção biopolítica que implica necessariamente em uma organização, na derrubada no Estado e na criação de um outro Estado, aberto à dinâmica do poder constituinte da multidão.

Uma vez que há separação teórica entre *biopolítica* e *biopoder* pode-se retornar ao paradigma marxista do trabalho como fundamento ontológico do homem, portanto local de autonomia e liberdade, que é subordinado pelo capital. Com o advento do trabalho imaterial, e da exploração da vida pelo capital, o trabalho também ocupa toda vida, *todos trabalham, todos são explorados*, logo todos são, ao mesmo tempo, produtores de biopolítica, a multidão, e alvos do biopoder, o Império.

Como vimos, as singularidades em Negri estão sempre aptas a cooperar (noção que nos remete imediatamente à categoria trabalho). Essa cooperação entre singularidades é o que marca a mudança de paradigma do trabalho para o trabalho imaterial, que produz o comum multitudinário. Lembremos ainda que é justamente sobre esse comum multitudinário que o Império exerce seu poder sobre a multidão: o comum é gerado pela multidão, mas é gerido pelo Império. Isso também foi apontado na crítica de Lazzarato<sup>9</sup> ao marxismo quando diz que

[a] teoria marxista concentra-se exclusivamente na exploração. As outras relações de poder (entre homens/mulheres, médicos/pacientes, professores/alunos) e as outras modalidades de exercício do poder (dominação, sujeição, submissão) são negligenciadas em função da dimensão ontológica da categoria trabalho. Essa última contém um poder de totalização dialética” (LAZZARATO, 2006b, p. 62).

Negri até volta sua análise para as outras relações de poder e exercício do poder, pois, como mostrado, incorpora as contribuições do pensamento de Foucault e Deleuze, mas com ressalvas, submetendo-as à categoria trabalho, quando transforma o conceito de biopoder e biopolítica, ao efetuar a separação entre biopoder e biopolítica, ao reconduzir as resistências a essa totalização dialética, na potência da história da luta entre Trabalho e Capital, ou entre Multidão e Império. Estes são aspectos que podem ser vistos como “*capturas da multiplicidade*” (p. 64), uma vez que as resistências são sempre vistas da perspectiva do trabalho (ainda que imaterial) e sempre reconduzidas à luta central da multidão contra o Império, privilegiando sempre o todo contra a multiplicidade, a universalidade contra a singularidade.

É precisamente aqui que a referência ao poder como relação agônica feita por Foucault se faz necessária. “O exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade” (FOUCAULT, 1995, p. 244), de modo que o poder seria uma “ação sobre ações” (p. 243). Desse modo que governar seria “estruturar o eventual campo de ação dos outros” (p. 244).

Mas para Foucault as relações de poder não podem ser desvinculadas da insubmissão da liberdade, e é por isso que “mais do que um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de um ‘agonismo’ - de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se, portanto, menos de uma oposição de termos

<sup>9</sup> A análise de Lazzarato, ainda que em muitos aspectos presa às mesmas categorias marxistas que critica, leva em conta “o processo de constituição assentado na criação e efetuação de mundos, que rege uma política da multiplicidade” (LAZZARATO, 2006b, p. 28).

que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente” (p. 244-245). Desse modo:

[...] toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir. [...] Quando o jogo das reações antagônicas é substituído por mecanismos estáveis pelos quais um dentre eles pode conduzir de maneira bastante constante e com suficiente certeza a conduta dos outros; para uma relação de confronto, desde que não se trate de luta de morte, a fixação de uma relação de poder constitui um alvo. [...] Toda estratégia de confronto sonha em tornar-se relação de poder; e toda relação de poder inclina-se, tanto ao seguir sua própria linha de desenvolvimento quanto ao se deparar com resistências frontais, a tornar-se estratégia vencedora (p. 248).

É justamente a dimensão agônica da política que se perde ao reconduzir a multiplicidade à totalidade. O conceito de biopolítica e biopoder no plano conceitual de Negri atua para efetuar essa unidade totalizadora, reafirmando desse modo sua tradição marxista, um modo muito diferente de como operava em Foucault, relacionando-se a uma análise em termos de governamentalidade, o que implica entender o poder como um conjunto de relações estratégicas, agônicas, logo como multiplicidade de resistências, abrindo caminho para o investimento em uma política da multiplicidade e da singularidade.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997a. v. 4
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997b. v. 5
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In : DREYFUS, Hubert; EABINOW, Paul. Michel Foucault. *Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2006.

- \_\_\_\_\_. **Segurança, território, população.** São Paulo: Marins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. Globalização e democracia. In: PACHECO, Anelise; VAZ, Paulo (Orgs.) **Vozes no milênio.** Pensar a globalização. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Multidão.** Guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro/São Paulo: 2005.
- LAZZARATO, Maurizio. **Por uma política menor:** acontecimento y política em las sociedades de control. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **As revoluções do capitalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b.
- LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NEGRI, Antonio. **A anomalia selvagem:** poder e potência em Spinoza. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Exílio.** São Paulo: Iluminuras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O poder constituinte.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Cinco lições sobre Império.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Kairós, alma venus , multitudine.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.
- \_\_\_\_\_. **Movimentos em el Imperio.** Pasajes y paisajes. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Goodbye Mr. socialism.** Buenos Aires: Paidós, 2007.
- NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe. Glob(al). **Biopoder e luta em uma América Latina globalizada.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.
- REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.